

Retrato impressionante da maior agência de espionagem do mundo

A KGB na Ásia

«**N**A TARDE do dia 15 de janeiro de 1974, vindo da embaixada soviética, um automóvel Volga cinzento passou em grande velocidade pelas ruas desertas de Pequim. Nos subúrbios, a nordeste, o automóvel parou na sombria rua Peihauntung, a cerca de quatro quilômetros e meio da cidade propriamente dita. Duas pessoas saíram furtivamente do carro e encaminharam-se para a ponte Hsipaho, a uns 170 metros. Aí pararam, olharam à volta e desapareceram na margem, sob a ponte.»

Isto não é um excerto de um romance. Trata-se de uma declaração oficial da agência noticiosa Nova China sobre os acontecimentos recentes que foram o maior escândalo de espionagem em Pequim. Os dois homens na ponte eram U. A. Semenov, terceiro-secretário da embaixada soviética, e A. A. Kolosov, intérprete do departamento de adidos militares soviéticos. Iam encon-

trar-se com dois chineses, um dos quais, Li Hung-shu, tinha sido treinado pelo GRU (polícia secreta militar soviética) e enviado para a China em junho de 1972. Depois de trocarem as senhas, os russos entregariam um saco de viagem contendo um conjunto de objetos padronizados para uso de espões: um pequeno rádio transmissor e receptor de grande precisão, capaz de transmitir rapidamente uma mensagem em código antes que fosse localizado, tabelas de frequências, um revelador de tinta invisível, um passe falso e dinheiro. Li Hung-shu deveria entregar uma máscara de gaze contendo informações secretas em código.

«Logo que estes homens entraram em atividade criminosa contra o povo chinês», continua o boletim da agência Nova China, «uma luz vermelha elevou-se no céu por cima da ponte Hsipaho. Milicianos chineses e agentes da polícia de segurança pública pre-

capitaram-se para a ponte gritando: 'Apanhem os' espões!'

Os russos tinham caído numa armadilha. Reclamaram de imediato imunidades diplomáticas, o mesmo fazendo o motorista do Volga, o primeiro-secretário V. I. Marchenko, experiente diplomata que falava chinês e dizia ser o «residente» (chefe de operações) da KGB na China. Foram todos expulsos do país imediatamente.

Este é o único caso de espionagem russa dado a público na China nos últimos anos, mas, tal como acontece com qualquer outra representação soviética em áreas de interesse vital para Moscou, a embaixada é grande e com pessoal em excesso, podendo-se presumir que grande parte desses estrangeiros trabalhe para a KGB ou para o GRU.

A função mais importante da KGB é ainda a supressão de dissidências internas na União Soviética. O Primeiro Diretório (há quatro) concentra-se, todavia, em atividades no estrangeiro, e seus tentáculos se estendem por todo o mundo. Durante os últimos onze anos, 40 países expulsaram cidadãos soviéticos acusados de trabalharem para esse Diretório, como espões ou «agentes de subversão». (Estes últimos defendem os pontos de vista soviéticos, ao mesmo tempo que mantêm um olho em possíveis recrutas estrangeiros.) No auge da guerra-fria, o alvo principal foram os Estados Unidos e o «imperialismo ocidental».

Agora, particularmente na Ásia, os alvos são a China e a Tailândia. Os contatos e as operações dos diplomatas e dos simpatizantes de Pequim são controlados. Em algumas poucas áreas «sensíveis», como a Indonésia, crê-se que a KGB informe também o governo local a respeito dos maoístas da comunidade ultramarina chinesa.

Quase todas as organizações soviéticas no estrangeiro estão infiltradas pela ubíqua KGB. Agências noticiosas (Tass, Novosti, TV e Radio Soviética) providenciam a cobertura; também a Sovexportfilm, a Aeroflot e qualquer companhia comercial o fazem. Na embaixada, alguns agentes estão dissimulados de motoristas ou secretários, mas, às vezes, os funcionários da KGB são os próprios embaixadores, como Pavl Stepanovich Kuznetsov, nomeado em 1972 para Jacarta. Expulso da Grã-Bretanha em 1952, foi para a Iugoslávia e esteve ligado ao círculo de espionagem que colocou sob escuta o gabinete particular do presidente Tito.

Eis alguns aspectos (apenas uma pequena parte) das atividades dos especialistas soviéticos em espionagem que atuam na Ásia:

China. Em Pequim, devido aos esforços muitas vezes infrutíferos de arrancar segredos aos chineses, os soviéticos voltam-se para a comunidade estrangeira da cidade. Deu-se um escândalo num coquetel realizado por africanos há dois anos, quando um diplomata sovié-

tico pediu a um latino-americano, perito em assuntos externos, que o ajudasse a obter informações. Quando o homem, indignado, recusou, o russo gritou-lhe «Vamos de matá-lo!», tendo de ser afastado pelos seus colegas embaraçados.

Em outubro de 1973, dois soviéticos conduziram um automóvel da embaixada para uma das colônias estrangeiras e saltaram do carro com um martelo e uma talhadeira. Cortaram a caixa do correio do poste e fugiram levando-a consigo.

Em novembro de 1972, James Pringle, correspondente da Reuters em Pequim, tentou arranjar uma passagem na Aeroflot. O diretor da companhia, Aleksandr Nicolaevich Vasilenko, disse-lhe que era possível, mas, quando a data da licença de saída de Pringle começou a aproximar-se, aconteceram «problemas». Finalmente, Vasilenko chamou-o à embaixada e disse: «Nós lhe arranjaremos um bilhete, mas gostaríamos que o senhor nos ajudasse a obter algumas informações». Pringle levantou-se e foi-se embora.

Hong Kong. Os esforços para abrir um consulado da União Soviética em Hong Kong têm encontrado obstáculos. A reparação em estaleiros, no entanto, nunca foi limitada, e muitos dos navios soviéticos nesse porto transportam espiões que falam chinês. Assim, um navio de carga, o *Sovetsky Sojus*, aportou em Hong Kong, em

1972, com oito membros na tripulação, que se descobriu serem observadores da China, vindos do Departamento de Estudos Orientais da Universidade do Extremo Oriente, em Vladivostok.

Em 23 de julho de 1972, a polícia penetrou à força num apartamento em Hong Kong e prendeu três pessoas: uma era um homem de negócios local, cujo nome nunca foi mencionado; as outras eram Stepan Tsunaev e Andrei Ivanovich Polikarov, ambos registrados como marinheiros a bordo do cruzador *Khavarovsk*. Eram, na realidade, agentes da KGB. Outro homem de negócios chinês, Ho Hung-yan, também membro do círculo, foi preso mais tarde. Depois de um longo interrogatório, Ho fez uma confissão por escrito de dez páginas à Seção Especial da Polícia Real de Hong Kong, descrevendo como é que a União Soviética usava falsos marinheiros, para recrutar agentes na colônia, a fim de fazerem espionagem em Hong Kong, China e Formosa. Uma lista, encontrada com Polikarov, de possíveis contatos em Hong Kong, Cingapura, Malásia, Filipinas, Tailândia e Vietnam, coonestava esta história. Ele era um executivo da KGB, antes em atividade no Japão, que ensinava e chefiava a espionagem contra a China acobertado por um cargo de professor na Universidade do Extremo Oriente. Ho Hung-yan tinha sido recrutado em 1969 por Alexander Trusov, agente da KGB,

e depois colocado como inspetor naval, fiscalizando as reparações de navios soviéticos na doca Whampoa em Kowloon.*

Tailândia. Bangkok tornou-se um importante centro de espionagem soviética, logo depois de se terem estabelecido relações diplomáticas nos primeiros anos da década de 1950. A embaixada soviética era evidentemente uma janela que dava para o Vietnam e as zonas ainda proibidas do Sudeste Asiático. Hoje, 25 pessoas formam seu corpo diplomático, mas, contando com cozinheiros, criadas e motoristas vindos da União Soviética, o número total anda em torno dos 175. (Na representação tailandesa em Moscou há apenas cinco funcionários.)

A imprensa tailandesa, em especial o *Bangkok Press* e *The Nation*, tem condenado firmemente a espionagem (não só a soviética) na Tailândia. *The Nation* denunciou Kair Iliashev, diretor comercial em Bangkok, como residente da KGB local; um diplomata, o segundo-secretário Anatoli Smirnov, foi também mencionado como sendo um alto funcionário da KGB. Outras acusações similares têm sido feitas contra o ex-representante da Tass, Alexander Kakaulin, assim como a funcionários da Aeroflot e da companhia naval tailande-

sa-soviética Thasos. Foram feitas pressões pouco insistentes para que Viktor Veklenko fosse declarado *persona non grata*, quando tomou o lugar de terceiro-secretário na embaixada soviética em maio de 1972, oito meses depois da sua expulsão da Grã-Bretanha por espionagem. Mais tarde, especulou-se que Veklenko fosse um «chamariz», para distrair a atenção da Seção Especial tailandesa de agentes menos em evidência.

Os comerciantes russos são naturalmente suspeitos, pois o total do comércio tailandês-soviético era só de seis milhões de dólares em 1973, mas justificava confortável abrigo para 15 famílias, parecendo envolver gastos consideravelmente desproporcionados para as necessidades.

Laos. Os soviéticos retiraram tranqüilamente 25% do seu pessoal diplomático do Laos depois de Evgeni Sorokin, jovem funcionário da embaixada soviética no Vientiane, haver destruído seu automóvel em setembro de 1972 e procurado asilo no Ocidente. (As atividades da KGB permeiam de tal maneira a presença soviética no estrangeiro que é possível a qualquer desertor atrair uma rede inteira de agentes e contatos.) Durante 1975, os soviéticos estabeleceram-se de novo, e o pessoal agora é de mais de mil. O tamanho da embaixada é uma provocação, pois a União Soviética não presta ajuda virtual ao Laos e não realiza comércio algum com

* Polikarov e Tsunaev foram mais tarde embarcados no seu navio e proibidos de voltarem; Ho Hung-yan foi deportado para a União Soviética e o homem de negócios local desconhecido foi libertado.

o país. Acredita-se que os soviéticos escolheram o Laos como uma torre de vigia em sua luta contra a China. O embaixador atual, Valentin P. Vdovin, é um funcionário da KGB já experimentado em espionagem na França e na África francesa.

Japão. O maior golpe dos serviços secretos soviéticos foi o caso de Richard Sorge, correspondente alemão em Tóquio com acesso a grandes planos militares nazistas e japoneses durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. As informações que ele cedeu a Moscou possibilitaram a Stalin transferir divisões, vitais no Leste, através da União Soviética, para derrotar os alemães invasores.

Hoje, o Japão é um alvo de menor importância. A rede da KGB é considerada enorme, mas a contra-espionagem japonesa, restringida pela falta de dinheiro e pelo fato de que a espionagem não é crime no Japão, é indefinida em número e importância de operações. De todas as maneiras, segundo eles, o interesse soviético está largamente concentrado na espionagem industrial e comercial – acrescida da observação das atividades dos outros.

Bangladesh. Bangladesh é o ponto-chave de um continente agitado, onde os soviéticos têm, por uma vez, uma dianteira sobre os americanos, mas onde a China está começando a ganhar influência. Daí a nomeação de Andrei Fomin como embaixador sovié-

tico. Antigo ministro das Relações Exteriores, membro do Soviete Supremo, que se crê tenha a seu cargo o planejamento político do Sul e Sudeste Asiáticos, ele dirige seus camaradas de Nova Delhi e de Jacarta. Também se encontram presentes homens experientes da KGB, tais como Georgi Alexandrovich Kuznetsov, expulso da Grã-Bretanha na grande limpeza de espões em 1971, depois de seis anos ali e três em Nova York. Reapareceu como adido comercial em Dacca pouco depois, em 1972, agora falando fluentemente o bengali, e parecendo mais interessado em fazer contatos com os estudantes que em expandir o comércio.

A União Soviética tem feito a maior parte das suas ofertas de ajuda a Bangladesh (só de uma vez havia três mil russos procedendo a salvamentos em Chittagong), enquanto estende clandestinamente a mão para ajudar a gorar revoltas muitas vezes planejadas sob inspiração de Pequim. Diz-se que helicópteros soviéticos voaram em missões de apoio, durante maio e junho de 1972, às forças militares que perseguiram os maoístas nos pântanos e na região da colina de Chittagong.

Cingapura. Até 1968, não foram estabelecidas relações diplomáticas com a União Soviética. No ano anterior, a companhia de navegação (Sociac) tinha sido formada para facilitar o comércio direto; em 1969, a Aeroflot iniciou vôos três vezes por semana entre

Moscou e Cingapura. O Banco Narodni de Moscú estabeleceu uma filial no local em 1971; os barcos soviéticos começaram a utilizar as instalações de reparação no porto de Keppel e outros estaleiros. Cerca de 800 navios russos ancoram todos os anos em Cingapura.

Há uma embaixada soviética no valor de quatro milhões de dólares, de luxuoso conforto, e um ativo corpo de imprensa de cinco jornalistas – entre eles observadores profissionais da China, mas os soviéticos de Cingapura mantêm a cabeça baixa. Alguns são membros do clube de críquete!

A KGB é, pois, um fator de crescente importância na política da

Ásia, em especial nas zonas de transformações latentes, como a Indochina e o subcontinente indiano. (A Índia sempre foi tratada com alta prioridade pela KGB e desde que o tratado indo-soviético de 1971 abriu as portas à infiltração, o país, na opinião de muitos proeminentes indianos, ficou tão enredado com a União Soviética que há pouca esperança de reversibilidade na sua orientação.) Mesmo países com fortes regimes autocráticos, como a Indonésia, as Filipinas e a Coreia do Sul, têm uma promessa de perturbações futuras. É tempo de tomarmos consciência desta sinistra organização soviética e de seus agentes, que pairam no ar como abutres, esperando pelo momento do caos.

O VELHO elevador estava tão carregado que se recusava a subir. Algumas pessoas saíram e ficaram aguardando nova viagem, mas, assim mesmo, o elevador não se movia. Nisto, uma mulher baixinha resolveu sair, e o elevador principiou a subir. Os passageiros que iam nele ainda ouviram a mulher dizendo: «Não foi por causa do peso, mas das minhas preocupações de hoje.»

– A. D.

Provérbios de animais

GALO, não sejas tão orgulhoso! Afinal, tua mãe foi apenas uma casca de ovo.

– Provérbio africano

A Rã não bebe até o fim a água do charco onde vive.

– Provérbio dos índios americanos

QUANDO as baleias brigam, os camarões são comidos.

– Provérbio coreano

UM HOMEM teria que permanecer com a boca aberta por muito e muito tempo, até que um faisão assado nela viesse entrar.

– Provérbio irlandês